

OS ANOS 80 EM FORTALEZA: TRAJETÓRIAS DE UM ARTISTA-PROFESSOR NO ENSINO DAS ARTES PLÁSTICAS PARA CRIANÇAS

Kely Cristiny Evangelista da Silva¹

CEFET/CE – kelypenelope@yahoo.com.br

Gilberto Andrade Machado²

CEFET/CE – gilmach@cefetce.br.

Introdução

Para uma melhor compreensão sobre o que estava acontecendo na área da educação em Fortaleza na década de 1980, é necessário lembrarmos que o Brasil passava por uma grave crise econômica e política, que teve como consequência o crescimento desenfreado da inflação e do desemprego, bem como da dívida externa, e o sucateamento dos serviços públicos, inclusive do ensino. (MACEDO, 2005).

Na época, o índice de analfabetismo e repetência estava muito alto, aliás, havia um desestímulo geral em relação à escola por parte dos alunos. A situação grave em que se encontrava o sistema educacional, tornou-se o centro das atenções para as autoridades, os pesquisadores e os educadores, o que acabou desencadeando reformas importantes de políticas educacionais estaduais, na tentativa de melhorar o ensino e aprendizado dos alunos. Vários projetos foram desenvolvidos para este fim, em vista que o número de desistência na escola de 1º grau era absurdo.

No que se refere ao ensino de arte na década em questão, houve uma grande preocupação por parte de núcleos e associações de arte-educadores em relação aos modos de ensinar e aprender arte, bem como reafirmar o papel de professor de arte, refletindo e questionando sua formação de professor da área.

No sentido de melhor ilustrar como as aulas de artes plásticas se desenvolviam nesse contexto, recorreremos às experiências do artista-professor Jorge Luiz que comenta alguns episódios desse período³.

As Experiências Docentes do Artista-Professor Jorge Luiz

A década de 80, de uma forma geral, foi o momento de transição entre o fim da ditadura militar e algo que a população há muitos anos esperava: a democracia. Era um momento de tentar reconstituir o que havia “sobrado” do regime autoritário, principalmente, em termos educacionais

no qual houve um desinteresse geral por parte dos alunos das escolas de 1º grau das camadas mais carentes (COSTA, 2005). A arte se tornou uma aliada à educação, na tentativa de melhorar o aprendizado dos alunos. Percebemos que esse ensino, especialmente, nas escolas de rede pública, também estava relacionado à questão da motivação desses alunos. Jorge Luiz diz que:

Em termos de tendência de ensino nos anos 80, estava muito em voga a questão social que tem uma importância muito grande, então, eles vão arranjar um meio de olhar mais para o ambiente, para os recursos e utilizar esses materiais, essa coisa todinha. Mas a questão fundamental era melhorar a aprendizagem dos alunos, porque eles tinham um grau de aprendizagem muito baixa. Eles queriam melhorar esse grau de aprendizagem e, pelos recursos da arte, iriam facilitar essa aprendizagem.

Nesse período, o ensino de artes plásticas em Fortaleza era confuso e não havia uma sistematização em relação às aulas. Enquanto “no magistério, normalmente, há uma preparação teórica e técnica que prepara os professores para o trabalho e que logo após é complementada com uma formação prática na qual o trabalhador se familiariza com seu ambiente e assimila progressivamente os saberes” (TARDIF, 2002:64), o mesmo não aconteceu com os professores de artes plásticas em Fortaleza já que só foram criados os cursos de formação em artes plásticas a partir de 2001, no Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará (CEFET/CE) e na Faculdade Gama Filho atual Faculdades Integradas da Grande Fortaleza (FGF). Então, até o final da década de 90, os artistas que tivessem interesse no ensino de artes plásticas, deveriam ter acesso à parte teórica de forma autônoma, pois a maioria das questões técnicas eles dominavam pelo exercício individual de ser artista. Na opinião do entrevistado:

Se formos fazer o levantamento dos artistas daqui de Fortaleza veremos que a maioria não tem formação acadêmica, isso porque o ensino se justificava enquanto fazer artístico. A questão teórica era deixada de lado. Conhecia-se a História da Arte, mais por esforço individual.

A falta de um curso de graduação específica em artes plásticas levou a geração de artistas como Jorge Luiz, a desenvolver uma autodidaxia baseada nas vivências experimentadas na formação que tiveram.

Jorge Luiz comenta um pouco sobre suas experiências no início de sua carreira docente:

Comecei a ensinar na década de 80, substituindo o professor César Gabrielli, quando faltava. Ele ensinava crianças no CSU Presidente Médice que fica lá na Borges de Melo, próximo à Rodoviária, onde tive minhas primeiras aulas de pintura. O início da minha formação como professor de artes plásticas aconteceu quando eu ainda era aluno desse curso. Posteriormente, por volta de 1982/ 83, eu cheguei no bairro José Walter e quem dava aula lá era o professor Dante Diniz.[...] Depois, o professor Dante desligou-se desse projeto e eu assumi por três anos as aulas de arte (de pintura e de desenho), dando continuidade a didática utilizada por ele. Podemos considerar que os diversos saberes dos professores não são todos produzidos diretamente por eles, que vários deles são absorvidos de modo “externo” ao ofício de ensinar, pois provém de lugares sociais anteriores à carreira, propriamente dita, ou situados fora do trabalho cotidiano (TARDIF, 2002).

Embora o país passasse por uma das maiores crises financeiras já vividas, Fortaleza se expandia desenfreadamente o que acentuava a crise política e econômica, os contrastes sociais e a pobreza. Isso se refletiu na questão educacional da capital quando muitos projetos de arte foram voltados para a questão social (JUNQUEIRA, 1997), como aqueles desenvolvidos nos Centros Sociais Urbanos.

Estes centros estavam dispostos na comunidade também como espaços públicos de aprendizagem artística e desportiva, em especial para crianças e adolescentes, e foram neles que muitos artistas tiveram contato com os primeiros experimentos nas diferentes linguagens artísticas.

Passei dois anos ministrando cursos nesses Centros Sociais Urbanos[...]. Depois, com a falta de cultura, a falta de uma política cultural da Prefeitura Municipal de Fortaleza essas aulas terminaram e eu me desliguei dos centros sociais.

Nessa época, a prefeitura tinha um bom programa de arte para periferia. Os Centros Sociais Urbanos, eu não sei quantos na realidade, [...], mas acredito que sejam mais de 6 e eles foram planejados nesses bairros no fim da Ditadura Militar. No Governo Militar, o Presidente Emílio Garrastazu Médice inaugurou vários e eles tinham uma infra-estrutura muito boa para arte. Havia aulas de violão, de dança, de folclore, de desenho e pintura, e de flauta. Havia ainda dati-

lografia, corte e costura, judô, capoeira, basquete, vôlei e natação. E hoje em dia, as Vilas Olímpicas têm oferecido poucas atividades funcionando ao mesmo tempo em um único lugar.

Então, nesse tempo os cursos eram gerenciados pela prefeitura, mas como tem sempre essa questão de quando muda o governo, muda tudo – muda o coordenador, muda o diretor – isso foi se quebrando. Ficou sendo um espaço mal gerenciado, sem manutenção. Tinha uma biblioteca fantástica, na parte de arte. Então, eu creio que hoje não exista mais nada: venderam, roubaram, os instrumentos se quebraram no manuseio. Conclusão: hoje funcionam precariamente, a maioria não tem aula de arte, e eu devo a minha formação a um núcleo desses.

Eu não sei, qual era o objetivo desses cursos, mas acho que era melhorar a qualidade das periferias da cidade. Uma instituição dessas queria trabalhar o esporte e a cultura, na periferia, num lugar discriminado de ações sociais e do governo.

Muitos outros projetos para a promoção e divulgação da arte e da cultura foram desenvolvidos pela Prefeitura Municipal de Fortaleza para as comunidades, dentre eles: “Domingo da Criação”, “Projeto Pixinguinha”, “Domingo no Parque”, “Teatro no Parque”, “Projeto Luiz Assunção”, “Juventude na Praça” e oficinas de arte⁴.

Fortaleza participou do PRODIARTE – Programa de Desenvolvimento Integrado de Arte-Educação – que foi criado pelo MEC em 1979, para integrar a cultura da comunidade com a escola, estabelecendo convênios com órgãos estaduais e universidades. Segundo Barbosa (2005), o objetivo geral deste projeto nacional estava na expansão e na melhoria da Educação Artística na escola de 1º grau, hoje ensino fundamental, enriquecendo a experiência criadora de professores e alunos, promovendo e valorizando o encontro entre o artesão e o aluno e estimulando a produção artística junto à comunidade.

Jorge Luiz descreve sua atuação nesse projeto:

O PRODIARTE era um projeto pioneiro, diferente dos outros, tinha as variadas linguagens desenvolvidas por especialistas que passaram até três meses numa escola, depois de três meses vinha outro. O time que o compunha era um time de bons profissionais, de pessoas talentosas.

Este programa aconteceu a partir de 1979, seu objetivo era promover as linguagens artísticas como

suporte para auxiliar os professores em sala de aula. Quando nós entramos no projeto, tínhamos o objetivo de usar a linguagem do desenho, da pintura, para realizar atividades distintas, na maioria das vezes, até associadas ao conteúdo didático do colégio. Essas aulas do PRODIARTE eram para crianças de escola pública. Eu ensinava a 1ª, 2ª e 3ª séries do primário. Nós entrávamos na sala com o professor e desenvolvíamos atividades para cada série. Geralmente, eu já vinha com plano de aula para utilizar, dependendo do conteúdo, eu adaptava ao meu ou não. [...].

O PRODIARTE não teve continuidade, durou três ou quatro anos e eu entrei no último ano. Conversando com o Estrigas sobre o assunto, concordamos que era uma proposta muito em cima da livre expressão que tem tudo a ver com a década de 80. Tem um gancho na questão do fazer, do lúdico, não interferir muito no trabalho da criança, deixar a criança livre, apenas propor, conduzir. A livre expressão foi a mola mestre que impulsionou todas essas atividades, o mundo anteriormente havia passado por uma experiência traumatizante, uma experiência fascista... A livre expressão vem desenvolver liberdade visual, interior.

Um exemplo na forma de conduzir as aulas de arte na época do PRODIARTE é relatado por Jorge Luiz, que no período da festa de São José afirma ter conseguido fazer com que todos os alunos desenhassem o santo. E explica:

Primeiro não mostrei nenhum modelo, fiz apenas uma descrição, perguntei se alguém o conhecia, como ele era, que cor era sua roupa, se só tinha aquela roupa. Os próprios alunos foram construindo uma imagem. Depois estudando o desenvolvimento do grafismo infantil na época, descobri que isso é possível por que a criança até antes da adolescência desenha o que conhece. Chamo esse período de intelectual, que é a representação simbólica do que se conhece.

Ele mostra que sua estratégia de ensino tem a ver com o exemplo dado e que esse tipo de trabalho é feito, porque sempre acreditou que por meio da informação é possível conseguir resultados consideráveis. Ele garante que isso, normalmente, funciona, porque os alunos sentem necessidade de atuar de forma mais livre na escola, e é desejável que nas aulas de arte isso seja possível.

[...] a minha experiência de artista plástico possibilitou propor atividades diferenciadas de arte como desenho e pintura, materiais alternativos, entre outros. Isso era muito interessante para os alunos por que eles tinham um interesse. Toda semana era uma atividade diferente e eles topavam qualquer coisa.

Geralmente, quando a aula de arte é ministrada por um artista, tem a característica de dar uma maior liberdade para as crianças criarem, de não ditar regras e nem de estimular a cópia de outros trabalhos. Porém, em algumas escolas os professores de arte eram pessoas que tinham habilidade em alguma linguagem artística, mas que não eram propriamente artistas, então, as atividades eram baseadas na cópia de modelos que esses professores traziam. O que mostra contradição, pois num meio em que a criatividade é tão necessária como na escola, fazer com que os alunos exercitem apenas a parte motora é tolice. Era comum, porém, os professores de arte lecionarem de forma aleatória e descompromissada.

No entanto, consideremos que é nesse período que surgem os primeiros movimentos organizados para pensar os aspectos didáticos e pedagógicos de arte, inclusive uma forma de sistematização das aulas.

No Brasil, em 1981, sobretudo no Centro-Sul foram organizados vários movimentos de professores de arte para discussões e análises em relação às dificuldades e problemas acerca do ensino de arte, surgindo associações, simpósios, congressos e encontros. Em Fortaleza, estas discussões se tornaram mais visíveis nos anos 90, como foi o caso do I Encontro Cearense de Arte Educadores na Escola Técnica Federal do Ceará – ETFCE⁵ no período de 1º a 5 de junho de 1994. Este encontro objetivava entre outras coisas: refletir a prática docente do arte-educador, discutir a necessidade de uma entidade de classe e reciclar os conhecimentos e vivências em arte aplicados à escola. Em março de 2000, aconteceu I Encontro Estadual de Arte-Educação e Cidadania que evidenciou o ensino de arte fora do contexto escolar, enfocando os movimentos sociais que se organizavam na cidade e no Estado. Para esse contexto a “criação artística possuiria uma eminente função social propiciadora de uma experiência social transformadora que extrapola a simples dimensão estética” (FREITAS, 1999:45).

Nestes dois eventos, podemos notar a existência das discussões que já se propunham na década de 80. Isso quer dizer que elas já existiam aqui, mas é possível que as oportunidades e os espaços de discussões não tivessem o apoio

nem a visibilidade das políticas implementadas a partir da década seguinte.

Autores como Ferraz e Fusari (1993) detectam, nesses movimentos, que as práticas em salas de aula eram pouco ou nada fundamentadas, sem haver preocupações com o que seria melhor para o ensino de arte. Isso ocorria no Centro-Sul que dispunha de faculdades, centros de formação e outros equipamentos culturais para discutir o ensino de arte. Em Fortaleza, mesmo não tendo esses aparatos, os profissionais da área também discutiam a realidade local. Ainda assim há uma confusão sobre este tema, pois fica parecendo que tais manifestações em relação ao ensino de arte só ocorreram no Centro-Sul do país.

Jorge Luiz, fazendo uma comparação entre o modo como era ensinado artes plásticas nos anos 80 e a partir de 1990, observou que, primeiramente, havia uma ênfase na questão do fazer sem nenhuma ou pouca reflexão. Já com o passar do tempo, a História da Arte como recurso metodológico parece ter sido uma solução prática que o artista encontrou para sistematizar suas aulas, no entanto, isso não aconteceu por acaso. Jorge Luiz afirma que, na década de 80, ele não tinha um objetivo claro como tem agora em relação à metodologia do ensino de artes plásticas. Na época **“o que eu não fazia era esse gancho com a história da arte. Mostrava como usar o pincel, a tinta, como diluir misturando a cor escura da clara, o lápis de cor, o giz de cera”**. Embora ele enfatizasse as questões técnicas e de materiais, a importância e utilização da História da Arte veio se confirmar em seu trabalho somente na década de 90.

A partir dos anos 90, por volta de 1993/ 94 eu pego uma turma de 7ª série onde muitos desses alunos tiveram aulas comigo na 1ª, 2ª, 3ª e 4ª séries do ensino fundamental e para surpresa minha, percebi uma falha na minha didática. Esses alunos não conheciam a História da Arte, não tinham um olhar desenvolvido e isso me intrigou porque eu verificava que na 2ª série eles desenhavam qualquer coisa e a partir da 4ª série já iam se desestimulando e abandonando o desenho; na 6ª e 7ª séries não sabiam mais fazer nada. A partir daí eu comecei a fazer uma reflexão sobre toda a minha trajetória de professor de artes plásticas, professor de Arte-Educação e verifiquei que tinha alguma coisa errada. Estava faltando a História da Arte, o conhecimento teórico e é justamente isso que não tinha na década de 80, eu acho que foi uma falha geral das aulas de arte aqui em Fortaleza, já que a ênfase no padrão de ensino estava fundamentada na questão do fazer. Uma herança da arte moderna e da livre expressão, que foi tão utilizado na nossa educação aqui.

É perceptível, quando se fala de educação ou do professor, que à medida que o indivíduo começa a ensinar, ele não só modifica e ensina aos outros, como também a si mesmo. É como se o professor aprendesse junto aos alunos, tanto a ser professor, como também passa a ter diversas outras experiências que se somam a sua identidade (TARDIF, 2002).

Geralmente, quando são comentadas as práticas de ensino, é comum ouvirmos o discurso de algo que deu certo, o discurso do sucesso, mas, na realidade e na prática docente, há muitos momentos de dificuldade, sobretudo os preconceitos que os alunos têm contra a arte e é preciso estar preparado para contorná-lo, como nos mostra o artista-professor:

Quando um aluno diz que não sabe desenhar ou não quer, precisa-se de jeito para atingi-lo, e a gente consegue. No primeiro momento é necessário respeitar a vontade deles, no segundo momento a gente conquista: “- Isso é coisa de mulher, eu não quero desenhar isso aí!”, -Vamos olhar os trabalhos dos outros!, e fico instigando: - Rapaz, tu não gosta de desenhar isso?, ele vai, fica um pouco sério. É difícil para ele lidar com a rejeição, mas algumas vezes acontece deles suportarem a rejeição, e eu levo isso em consideração. Eu digo: - Ah, se não quer fazer não faz!, e aí vem a questão psicológica: às vezes teve algum aborrecimento familiar ou alguma coisa do tipo.

Fica evidente a necessidade da instrumentação pedagógica que, às vezes, facilita a ação cotidiana do professor de arte na sala de aula. Essas estratégias são melhor desenvolvidas quando o arte-educador tem uma formação pedagógica que lhe possibilite uma reflexão de suas práticas.

Sabemos que esses recortes apenas ilustram a experiência de ser professor e artista num tempo e espaço específicos; não é possível fazer generalizações a partir delas, contudo, valorizamos o otimismo do artista-professor quando comenta as necessidades de se trabalhar arte com as crianças.

A gente não pode subestimar as nossas crianças, porque a infância é uma fase em que o poder de assimilar qualquer coisa é bem maior do que de um adulto. A criança está aberta a tudo que está se desenvolvendo e ali tem tudo o que a gente precisa para direcionar uma educação mais saudável. Às vezes, eu vejo cada oportunidade de aprendizagem que nós educadores perdemos, quer dizer, a gente

precisa sensibilizar as crianças, a quanto mais cedo começar a sensibilização melhor.

Como vimos, a década de 80, foi a matriz geradora das reflexões sobre o ensino de arte, havendo algumas mudanças estruturais no ensino de artes plásticas como no modo de conduzir estas aulas e até mesmo a forma de perceber a infância. Em Fortaleza, essas mudanças estão caminhando de forma lenta, mas estão ocorrendo. Em muitas escolas, é ensinada ao aluno a História da Arte juntamente com aulas práticas.

A criação dos cursos de Artes Plásticas já possibilitam reflexões como estas, os artistas estão mais preocupados com o ensino de arte e suas conseqüências. Desta forma, conhecer as experiências de artistas de outras gerações que se engajaram no ensino, sobretudo na escola pública, é fundamental para compreendermos que sentido de artes e de educação somos portadores.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Ana Mae. **Arte Educação no Brasil: do modernismo ao pós-modernismo**. Disponível em < <http://www.revista.art.br/site-numero-00/artigos.htm> > . Acesso em: 20 nov. 2005.

COSTA, Giovânia. **Bailei na Curva: revivendo no palco os anos da ditadura**. Disponível em: < <http://www.pagebuilder.com.br/proscenio/biblioteca/baile.doc> > . Acesso em: 31 out. 2005.

FERRAZ, M. Heloísa C. de T.; FUSARI, M. F. de Rezende. **Arte na Educação Escolar**. São Paulo: Cortez, 1993. (Coleção Magistério 2º grau. Série Formação Geral).

FREITAS, Isaurora C. M. Da periferia ao palco: o projeto EDISCA e a dança pela cidadania – projeto de pesquisa. In: GONDIM, Linda M. P. (Org.). **Pesquisa em Ciências Sociais: o projeto de dissertação de mestrado**. Fortaleza: UFC, 1999

JUNQUEIRA, L. A. P. et al. Descentralização e Intersetorialidade na Gestão Pública Municipal no Brasil: a experiência de Fortaleza. In: CONCURSO DE ENSAYOS DEL CLAD. 11., 1997, Caracas. Disponível em: < <http://unpan1.un.org/intradoc/groups/public/documents/CLAD/UNPAN003743.pdf> > . Acesso em: 21 nov. 2005.

MACEDO, Hércia. **A Disciplina Currículos e Programas no Contexto Brasileiro dos Anos 80**. Disponível em < <http://www.cosmofilosofico.hpg.ig.com.br> > . Acesso em: 31 out. 2005.

SILVA, Kely C. Evangelista. **A Participação de artistas-professores no ensino das artes plásticas para crianças em For-**

Fortaleza: os anos 80 como ponto de partida. Monografia de TCC de Artes Plásticas, CEFET/CE, 2006.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

NOTAS

¹ Artista Plástica graduada pelo CEFET/CE. E-mail: kelypenelope@yahoo.com.br

² Doutorando em Educação pela UFC, professor do Curso Superior de Artes Plásticas do CEFET/CE. E-mail: gilmach@cefetce.br.

³ O artista e professor Jorge Luiz Silveira de Araújo nasceu em Fortaleza em 10. 09. 1959. Participou de um grupo de artes plásticas e “performances” FRATURA EXPOSTA, com marcante atuação no Ceará na década de 80, sendo premiado no Salão de Abril de 1987. Para ler a entrevista, na íntegra, que gerou este artigo ver: SILVA, Kely C. Evangelista. “A Participação de artistas-professores no ensino das artes plásticas para crianças em Fortaleza: os anos 80 como ponto de partida”. Monografia de TCC de Artes Plásticas, CEFET/CE, 2006.

⁴ Ao longo desta pesquisa não encontramos material bibliográfico que tratasse com mais profundidade desses projetos. A falta de registros sobre essas atividades revela em parte o descaso e a efemeridade da políticas públicas da época.

⁵ Atualmente o Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará (CEFET/CE).